

Maior cartão-postal do ES ganha versões irreais

Mudanças no Convento da Penha reforçam importância da educação patrimonial na era digital

CAROLINA BOUERI
jornalismo@eshoje.com.br

À primeira vista, as imagens convencem. Mas basta um olhar mais atento para perceber que aquele não é exatamente o Convento da Penha. Em versões produzidas por inteligência artificial (IA), o principal patrimônio histórico e religioso do Espírito Santo aparece deslocado para a orla da Praia da Costa, com a Terceira Ponte parecendo desembocar diretamente no monumento ou inserido em paisagens que pouco lembram sua localização real. As distorções, cada vez mais presentes em peças publicitárias e publicações nas redes sociais, despertaram a preocupação de moradores da Prainha e abriram uma discussão sobre educação patrimonial, fidelidade histórica e uso responsável da tecnologia.

O alerta partiu do Coletivo Criativo Prainha, formado por moradores, empresários e profissionais ligados à região onde está localizado o Convento. Segundo a integrante Mônica Boiteux, o grupo passou a observar um aumento no número de imagens que alteram significativamente a arquitetura e, principalmente, a inserção do monumento na paisagem de Vila Velha.

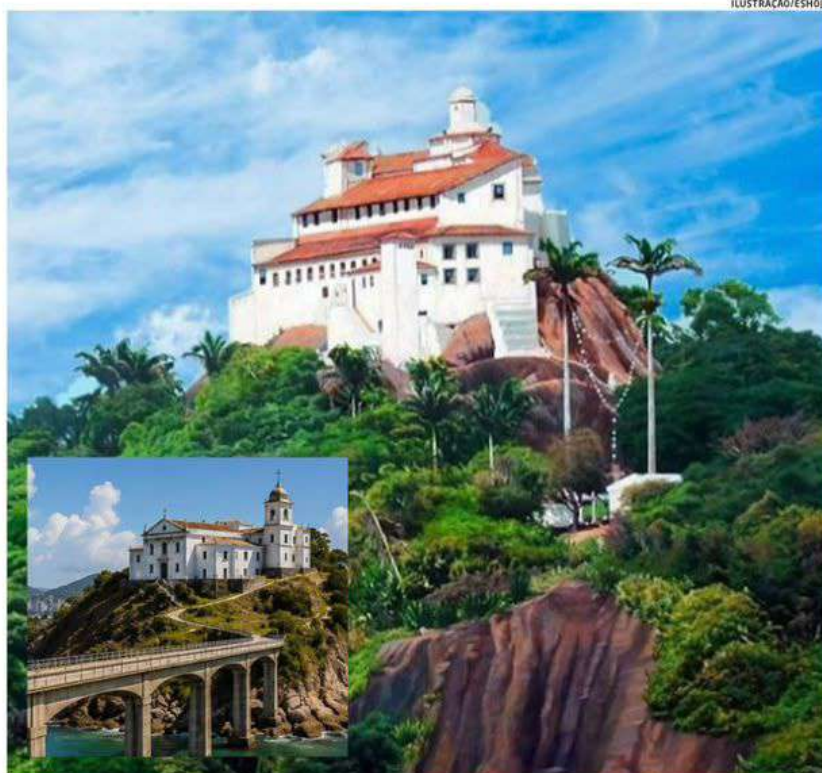
"Já vimos o Convento sendo representado como a Igreja da Penha, no Rio de Janeiro, praticamente integrado à orla da Praia da Costa e até substituído por ou-



DIVULGAÇÃO

“Quando falta uma referência específica, a IA preenche as lacunas”

EDUARDO GLAZAR, Globalsys



ILUSTRAÇÃO/ESHOJE

Em uma das imagens manipuladas, a Terceira Ponte é colocada como saída do Convento da Penha

tras igrejas que não têm qualquer relação com o patrimônio capixaba", afirma.

Para o coletivo, a solução não passa por restringir o uso da inteligência artificial, mas por ampliar ações de educação patrimonial. A proposta inclui iniciativas em escolas, redes sociais e meios de comunicação para estimular o conhecimento sobre a história e a arquitetura do monumento. "Queremos que as pessoas conheçam o patrimônio para que consigam reconhecê-lo, mesmo diante de uma imagem produzida por IA", resume Mônica.

PATRIMÔNIO FORA DO LUGAR

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) também avalia que imagens geradas por inteligência artificial podem prejudicar a percepção pública sobre bens tombados quando são divulgadas sem contexto ou sem deixar claro que se tratam de representações fictícias.

Segundo o instituto, além do risco de descaracterização histórica e da disseminação de informações incorretas, há uma tendência de "homogeneização es-

tética", em que patrimônios distintos passam a ser retratados com características semelhantes, reduzindo elementos que lhes conferem identidade própria.

Ao mesmo tempo, o órgão ressalta que a inteligência artificial não deve ser encarada como inimiga da preservação. Quando utilizada de forma ética, transparente e identificada, a tecnologia pode contribuir para ações educativas, como reconstituições hipotéticas de monumentos ou visualizações de aspectos históricos que já não existem mais.

O diretor de Serviços da Globalsys, Eduardo Glazar, explica que essas distorções são consequência do próprio funcionamento dos modelos de inteligência artificial. Segundo ele, as ferramentas não armazenam uma fotografia fiel do Convento, mas geram novas imagens com base em probabilidades e nas referências visuais utilizadas durante o treinamento.

"Monumentos regionais aparecem muito menos no material de treinamento desses modelos do que construções mundialmente conhecidas. Quando falta uma referência específica, a inteligência artificial preenche as la-

cunas com padrões semelhantes, criando uma espécie de 'igreja colonial genérica'", explica.

O especialista acrescenta que alterações podem surgir até mesmo durante a edição de fotografias. Em muitos aplicativos, comandos simples, como modificar o céu ou melhorar a iluminação, fazem com que toda a imagem seja reinterpretada pelo modelo, alterando elementos arquitetônicos e geográficos sem que o usuário perceba.

Para Glazar, o avanço da tecnologia reforça a necessidade de supervisão humana. "A responsabilidade continua sendo de quem publica. Antes de compartilhar uma imagem de um patrimônio histórico, basta compará-la com uma fotografia real para verificar se ela representa corretamente o monumento."

“Avanço da IA exige transparência e cuidado na divulgação”

CARLOS MOTTA LEAL, advogado

Criatividade? Sim, mas com compromisso

O PRESIDENTE da Comissão de Tecnologia da Informação e Direito Digital da OAB-ES, Carlos Augusto Pena da Motta Leal, destaca que a liberdade de criação artística é garantida pela Constituição. O problema, segundo ele, surge quando imagens produzidas por inteligência artificial são apresentadas como representações fiéis da realidade, com potencial para induzir o público ao erro.

Segundo o advogado, a responsabilização dependerá do contexto, da finalidade da publicação e dos prejuízos eventualmente causados. Para ele, "o avanço da inteligência artificial exige cada vez mais transparência e cuidado na divulgação desse tipo de conteúdo, sem comprometer a liberdade de criação artística".

Mais do que discutir os limites da inteligência artificial, o episódio evidencia um desafio que acompanha a popularização das ferramentas generativas: preservar não apenas os monumentos, mas também a forma como eles são reconhecidos e compreendidos pelas novas gerações. Em um ambiente digital cada vez mais dominado por imagens produzidas por algoritmos, conhecer a história e a identidade dos patrimônios culturais passa a ser, também, uma forma de protegê-los.



DIVULGAÇÃO

Carlos Augusto Motta Leal
preside comissão de TI da OAB